

Gutman Uchôa de Mendonça

Escreve aos sábados e às terças-feiras neste espaço
Site: www.uchoademendonca.jor.br

/// Quem não sabe escolher o meio que nos circunda, não tiver uma constante atenção da família, pode se perder de forma irremediável

Questões do berço

Ninguém compra a felicidade, você a constrói, através dos exemplos do berço materno, da educação e dos princípios básicos da ética e da responsabilidade. Particularmente, todos os dias, levanto minhas vistas para a parede do meu escritório, na minha casa, e, de olhar fixo nas imagens dos meus pais, agradeço-lhes pela conquista da minha felicidade, da minha liberdade, do meu direito de ir e vir, em companhia da minha família, que é meu grande tesouro.

Faz tempo, encontrei um velho amigo num supermercado, que me surpreendeu, tocando no meu ombro. Acabado, visivelmente contrafeito, contou sua tragédia. O filho irrecuperável, pelo consumo de droga, inteiramente inutilizado para a vida, atormentava sua existência, e chorou. Meus filhos cursaram a Ufes sem se contaminarem com as más companhias. Quem não sabe escolher o meio que nos circunda, não tiver uma constante atenção da família, pode se perder, de



forma irremediável. Não existe uma solução a médio prazo para o drogado.

Maiores, casados, respeitáveis, nos dando lindos netos, inteligentes, responsáveis, decentes, profundamente educados, este é o meu mais estuendo patrimônio, meu tesouro, o futuro da minha família, porque eles levarão minha marca, da sua avó, de seus pais, para a eternidade, numa retribuição ao esforço de criação que receberam.

Dentro do noticiário, extenso e cruel, das mais horripilantes histórias publicadas, de filhos que matam pais; pais que matam filhos; pais que entregam à polícia seus filhos viciados; famílias inteiras se drogando ou traficando, tudo faz parte da falta de princípios básicos de educação, da mais completa ausência de berço, de carinho para a vida. A violência no Brasil, na nossa cidade, Vitória, chegou a um ponto tal de selvageria que não

sabemos onde isso tudo irá parar.

O que é espantoso é o desinteresse dos nossos governantes em buscar uma solução através de um processo de educação da família, na tentativa de botar todo mundo para trabalhar, estudar, se organizar. Quero viver um pouco mais para beber, com minha família, a felicidade que construímos. Somos realmente felizes.

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas
E-mail: roberto.simo@ufes.br

/// No Espírito Santo, em mais de 440 mil domicílios (43% do total), a renda domiciliar per capita não ultrapassa um salário mínimo

O modelo “Crescer é...”

Para muita gente, “crescer” no Espírito Santo significa o quê? Cinco informações da “Síntese de Indicadores Sociais 2013” (IBGE) contribuem para a resposta. O filme tem pequenos avanços, mas a foto segue sofrível.

1. PIB e renda, por habitante. Em 2011, o PIB per capita estadual foi o 4º maior do Brasil – R\$ 27.542,00; apresenta o maior crescimento (3,3%) em relação ao de 2002 (Contas Regionais 2011 – IBGE). Já a renda média do trabalho formal das pessoas de 16 anos ou mais em 2012 posiciona o Estado em 13º lugar: apenas R\$ 1.641,00. O disparate no Estado, por habitante, é flagrante: 4º PIB x 13ª renda.

2. Renda muito baixa. Quase 1,9 milhão de residentes (52% da população estadual) ganham até 1 salário mínimo, chegando a 78,3% até 2 salários mínimos. Em mais de 440 mil domicílios (43% do total), a renda domiciliar per capita não ultrapassa 1 salário mínimo.

3. Restrição de direitos. Além da pobreza monetária, a principal restrição de direitos no Espírito Santo, dos quatro considerados pelo IBGE (educação, proteção social, domicílios com qualidade, serviços básicos no domicílio), é a de

30% na educação: pessoas de 6 e 14 anos que não frequentavam escola, de 15 anos ou mais de idade analfabetas e com 16 anos ou mais de idade sem conclusão do ensino fundamental. A gente sem acesso à educação só cresce pelo aumento da idade e da altura. Pelo menos 53% dos residentes em domicílios têm pelo menos uma das quatro restrições – o que não dignifica a cidadania.

4. Jovens sem futuro. 17% dos jovens de 15 a 29 anos nem estudam, nem trabalham. Só 19% estudam. Apenas 55% dos jovens cursam o ensino médio na idade certa – e mais de 17% estão fora da escola. Crescem de que forma? Para quê?

5. Violência tem cor. Para jovens negros e pardos de 15 a 29 anos, em 2010, a taxa de óbitos é de 140 por 100 mil habitantes, quase o dobro da média nacional, abaixo apenas da de Alagoas. Este crescer que se mantém no segundo lugar aniquila a vida na juventude, marcadamente dos pretos.

6. Internações elevadas. Transcrevo a análise: “Ao se avaliar os dados sobre internações hospitalares por doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado, no Espírito Santo em 2010, percebe-se que a taxa de internações relacionadas com a higiene ainda é muito alta no Estado (8,6 internações por 100 mil habitantes”, a terceira maior do país. É mais um dos muitos indicadores sociais que precisam decrescer no Espírito Santo.

Crescer é, sem a gente, não se desenvolver.

Keiko Ota

É deputada federal (PSB-SP)

/// Em 30 anos, mais de 92 mil mulheres foram assassinadas no Brasil, sendo 44 mil na última década

Um basta à violência contra as mulheres

É fato e não representa motivo algum de orgulho. Em pleno século XXI, a violência contra a mulher brasileira é assustadora. Ocupamos, infelizmente, a sétima colocação no ranking internacional de homicídios cometidos contra a população feminina. Para se ter uma ideia, ficamos atrás somente de El Salvador, Trinidad e Tobago, Guatemala, Rússia, Colômbia e Belize, segundo o Mapa da Violência elabo-

borado pelo Instituto Sangari.

Nos últimos 30 anos, mais de 92 mil mulheres foram assassinadas no Brasil, sendo cerca de 44 mil somente na última década. O número de mortes, no período analisado, passou de 1.353 para 4.465 – um salto de 230%! Diariamente, mais de 2 mil mulheres registram queixa de violência doméstica praticada pelo marido, namorado ou companheiro.

É preciso dar um basta a esse quadro lamentável. Não podemos mais continuar a ser vítimas contumazes. Até porque contamos com uma das mais avançadas legislações do mundo no que se refere à proteção das mulheres. Falo da Lei Maria da Penha, que enfrenta dificuldades de ser colocada em prática pelo poder público.

Fui vice-presidente da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência contra a Mulher. Ao longo de 2012, estive em diversos Estados brasileiros para verificar a qualidade dos serviços públicos destinados ao atendimento das mulheres vítimas. Conversei com entidades, ONGs, gestores públicos, especialistas e movimentos sobre a situação da população feminina.

Em conjunto com os demais integrantes da Comissão, realizamos audiências públicas, onde pudemos ouvir diretamente a sociedade.

O resultado desse trabalho mostrou que temos muito a avançar. Entre outras medidas, os serviços de atendimento às vítimas precisam ser aperfeiçoados e ampliados. Além disso, defendo leis mais duras para os crimes contra a vida, especialmente os que são cometidos contra nós, e a aplicação efetiva da Lei Maria da Penha.

Definitivamente, a velha imagem da mulher como símbolo de sexo frágil precisa ser abandonada, ainda mais quando vivemos uma situação em que a violência, infelizmente, persiste com muita força no nosso dia a dia.